

o reumatismo consegue levar à superfície da consciência, a um nível articular, essas profundidades dolorosas. As relações entre as articulações, o sistema nervoso central e periférico, os órgãos internos do sistema neurovegetativo, são tão complicados que só um esquema decalcado sobre a cibernética consegue explicar e dar conta das interacções e dos momentos de crise que intervêm num estado reumatológico. E é assim, através deste sistema e empregando a fundo a cibernética, que conseguimos estabelecer que «o reumatismo é a consequência de um erro de informação», erro cometido num ponto do circuito neurovascular, originando uma desordem na corrente da informação, traduzida em alterações dos tecidos, de tipo reumático.

O professor Masturzo acciona um botão. No écran aparece uma linha sinuosa, de cor verde. Isto significa o contacto entre um organismo são e a máquina cibernética que o regista. Outro botão. No pequeno «écran» do osciloscópio aparece o que se chama uma onda quadrada, correspondente a uma informação patológica. É claro. O aparelho regista tudo o que acontece num organismo doente, e dá o sinal preciso no momento em que, no sentido de regresso, o medicamento adequado curou a doença. Contudo, se, devido a uma má condução, a memória já registou o estado patológico, como consequência da repetição de um erro informativo, o osciloscópio volta a registar a presença do mal, ou seja, de uma doença. O que se denomina uma recaída é, em geral, a continuação de uma má informação, a repetição de um erro informativo. Deste modo, forma-se nos circuitos nervosos um novo regime, que convida os vários factores reumatogéneos a relacionarem-se entre si, segundo um programa patológico preciso, cujo resultado é a formação de um complexo etiopatogénico que desequilibra o metabolismo dos tecidos e provoca algumas alterações características do reumatismo. O importante é que, partindo destas novas concepções patogénicas sobre as doenças reumáticas, puderam propor-se novos métodos de tratamento e compreender, até, o misterioso mecanismo da acção de certos medicamentos anti-reumáticos, como a cortisona, e empregá-los segundo novos critérios. E utilizando os mesmos dados, aplicados agora nas patologias de tipo psíquico, o professor Masturzo verificou um facto importante: que um esquizofrénico, por exemplo, ou qualquer doente mental, não pode sofrer de reumatismo porque o seu próprio estado o coloca fora da possibilidade de um erro informativo.

V. H. — Permito-me imaginar, seguindo o rápido ritmo das descobertas realizadas pela cibernética médica, que um computador aperfeiçoado, bem informado do estado geral de um doente, correctamente iniciado nos pormenores que possam descrever um estado

patológico, será capaz dentro de poucos anos de emitir não só um diagnóstico preciso, mas indicar também o medicamento, a hora a que se deve tomá-lo, a quantidade de gotas ou de comprimidos.

A. M. — Exactamente. E também se pode afirmar que uma Humanidade em permanente expansão necessitará dessas máquinas para conservar um estado de saúde normal, e que os médicos não poderão, sòzinhos, atender os milhões de habitantes de cada uma das cidades do futuro.

V. H. — Suponho, pois, que a cibernética médica, como foi concebida por si, constitui não só uma garantia da nossa boa saúde, mas também da nossa individualidade, num mundo cada vez mais ameaçado pela massificação. Essas máquinas voltarão a dar ao homem de hoje o sentimento de ser único, através até da doença.

A. M. — Assim é.

Isto recorda-me as conclusões de Jacques Rueff a propósito das relações que se podem estabelecer, sobre a mesma base individual, entre física nuclear e política contemporânea: uma vez que a física parte do átomo, isto é, do indivisível, o individual da matéria, também o humano, sob todos os aspectos, do político ao educativo, tem de apoiar-se na mesma estrutura. A sociedade do futuro será obrigada, devido ao próprio desenvolvimento das ciências, e em primeiro lugar da cibernética e da física, a ter em conta uma norma individualista, que não exclui, evidentemente, a sociedade. Mas parece, segundo as últimas conclusões das ciências, que o indivíduo, apesar de tudo, e para além dos falsos conceitos dos materialistas do século passado, servirá de base a uma nova estruturação do mundo, sob todos os aspectos possíveis. Mas apresso-me a levantar alguns problemas finais:

V. H. — Diga-me, professor, se a cibernética chegou a um tal progresso e se as perspectivas, na sua opinião, são tão prometedoras, como se explica que o mesmo método não tenha permitido até agora decifrar o grande enigma da medicina, isto é, o cancro?

A. M. — Acabo de receber uma carta do meu amigo professor Bjorklund, de Estocolmo, dizendo-me que, este ano ainda, e seguindo processos cibernéticos, conseguirá descobrir um medicamento capaz de curar o cancro. [Contudo, até ao momento de fazer as últimas correcções no meu livro, a boa notícia não foi ainda confirmada. A medicina não é ainda uma ciência.]

Dou esta notícia aos meus leitores, tal como o professor Masturzo acaba de me comunicar, no fim de uma conversa em Nápoles, cujas repercussões me parecem interessantes e válidas, não só para a medicina. Tal como o homem da era platónica, os nossos contemporâneos começam a constituir-se como entidades completas, curiosas

1977?  
Hoje  
1993  
ainda  
não.